

O DISCURSO DO DOMINADO EM SARAMAGO (THE DISCOURSE OF THE DOMINATED IN SARAMAGO)

Eliana Izabel SCURCIATTO-FERNANDES (UNESP-Car)

ABSTRACT: *This research consist in the analysis of the dominated discourse in the Memorial do Convento of José Saramago. Doing so, we could realize the relationship between discourse and ideology through the point of view of the observer in the text.*

KEYWORDS: *discourse; history; dominated; dominant; observer.*

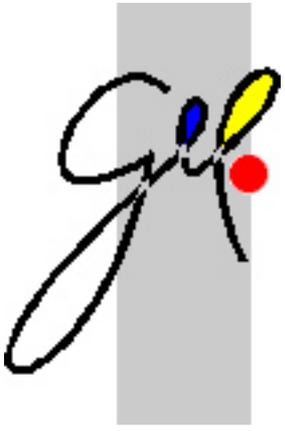
Este trabalho pretende analisar a construção do discurso do “dominado”, isto é, daqueles que ficaram do lado de fora da história, pensando no contexto histórico-social em que estão inscritos. O *corpus* utilizado para essa análise é o romance *Memorial do Convento* de José Saramago, onde se pode encontrar uma (des)construção da história sob o ponto de vista do trabalhador comum da obra do convento de Mafra, de uma mulher do povo que tinha poderes mágicos e de um padre que queria voar. Dessa maneira, a história oficial relatada sob o ponto de vista dos reis e poderosos não interessa a essa nova maneira de encarar os fatos históricos.

Esta (des)construção da história no *Memorial do Convento* aparece como uma reorganização dos fatos históricos, o que implica numa escolha ou seleção dos acontecimentos a serem narrados, assim como o faz a história oficial, porém os fatos são selecionados através do crivo do observador.

No texto de Saramago, encontramos discursos construídos pela camada desprestigiada da sociedade e através desses discursos podemos chegar a uma crítica social. Isso é possível não só pela delegação de voz que se faz dentro do texto a esses personagens (que às vezes são fictícios, outras são reais, outras são uma mescla de realidade e ficção), mas também através do discurso desse “observador” instalado no texto, algumas vezes no narrador, outras nos próprios personagens. Esse estudo da categoria do observador é uma espécie de “filtro” dos fatos narrados e, dessa maneira, ele poderia então “organizar” uma mentalidade no sentido como Ginzburg (1998:12) coloca a cultura oral como “crivo” de uma leitura de textos escritos feita por Menocchio.

O trecho seguinte pode ser um exemplo da presença do observador:

“... a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando com se determinasse chegar a toda parte ou oferece o espetáculo edificante a toda a cidade, aquele que ali vai é Simeão de Oliveira e Sousa, (...) quem sabe que outros nomes teria e todos verdadeiros, porque deveria ser um direito do homem escolher seu próprio nome e muda-lo cem vezes ao dia, um nome não é nada... esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era efeito demoníaco, que sei que posso sr santa como



os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço diferença entre mim e eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus, aqui vou blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não me ouçam as temeridades, as heresias e as blasfêmias, condenada a ser açoitada em público e a oito anos de degredo no reino de Angola,...”(Saramago, 1996:52-3).

A princípio, não é possível distinguir a voz do narrador da voz da personagem, já que não se pode localizar ao certo quando termina uma e começa a outra, pois a delegação de voz à personagem Sebastiana Maria de Jesus não ocorre através de marcadores formais, passa-se de uma a outra voz como se a fala fosse tanto de um quanto de outro, podendo-se observar então um compartilhamento de pontos de vista e de discursos.

O discurso do homem do povo apresenta-se tanto como a construção de uma mentalidade que se opõe à mentalidade dominante na época narrada, que é a da Inquisição, quanto uma (des)construção da história narrada desse ponto de vista.

O que o observador, enquanto “filtro” dos acontecimentos, faz é trazer para a narrativa os fatos que ficaram relegados pela história oficial e também narrar os mesmos fatos dessa história sob um enfoque que deixe ver um discurso sufocado por ela.

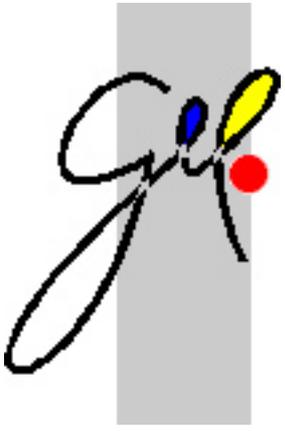
Quando Sebastiana Maria de Jesus fala da perseguição que está sofrendo por ter “visões” e por ouvir “vozes do céu”, constrói-se um discurso contrário ao discurso cristão que condena visões, e queima em fogueiras pessoas que afirmam possuir esse dom. O discurso de Sebastiana afronta o discurso inquisitorial por não distinguir dos santos católicos “*que sei que posso ser santa como os santos o são*”, assim como, afirmar que “*só eu sei que todos poderiam ser santos*”, dessa maneira, ele desmistifica a santificação de “alguns escolhidos” para reafirmar a igualdade dos homens diante da natureza. É algo comum a todos ter visões e ouvir vozes. Mais adiante, ela diz estar amordaçada para que suas blasfêmias não sejam ouvidas, pois seu discurso incomoda a Igreja.

O narrador do romance de Saramago compartilha o ponto de vista dos personagens marginalizados pela sociedade, mas centrais na narrativa. Através dessa instância do observador que Fontanille (1989:7) define como

“foyer de toute assumption, de toute identification. Très souvent, il ne correspond à aucun acteur, pur “actant” sémiotique, il n’est que l’effet de sens, des diverses focalisations, sélections et distorsions qu’on lui attribue”,

esses discursos marginais vão sendo “amarrados” uns aos outros, pois esse observador perpassa todo o texto, organizando uma mentalidade compartilhada por Sebastiana, Sete-Sóis, Blimunda e padre Bartolomeu. O observador é então o centro de identificação desses discursos e constrói todo um sentido de dessacralização da história.

O trecho seguinte fala da formação intelectual do padre Bartolomeu Lourenço, que pretende voar com um objeto chamado de “passarola”, inventado por ele próprio (observe-se que este é um personagem histórico, o padre Bartolomeu de Gusmão).



“a de Bartolomeu Lourenço, que no Brasil nasceu e novo veio pela primeira vez a Portugal, de tanto estudo e memória que sendo moço de quinze anos, prometia, e muito fez do que prometeu, dizer de cor todo Virgílio, Horácio, Ovídio, Quinto Cúrsio, Suetônio, Mecenas e Sêneca para adiante e para trás, (...) e responder a todas as dúvidas da Sagrada Escritura, tanto do Testamento Velho como do Novo, (...)”(Saramago, 1996:62).

O texto continua falando de vários autores, livros e da Bíblia que o padre teria decorado. Em seguida, aparece o seguinte trecho:

“e que não são canônicos os dois Livros dos Esdras, como afinal não parecem muito canônicos, diga-se aqui para nós e sem outras desconfianças, este sublime engenho, estas prendas e memórias nascidas e criadas em terra de que só temos requerido ouro e os diamantes, (...)” (Saramago, 1996: 63)

O discurso acima revela dúvidas em relação às Sagradas Escrituras assim como em relação ao que realmente era verdadeiro no que se falava a respeito dos prodígios intelectuais do Padre Bartolomeu. Essa situação de dúvida expressa pelo narrador-observador desmonta o discurso religioso a respeito da grandeza das figuras que ocupam o cenário da Igreja. Ainda em outra passagem, porém sob o ponto de vista de Sete-Sóis que acaba de conhecer o padre, a dúvida em relação à figura religiosa aparece de maneira bastante clara:

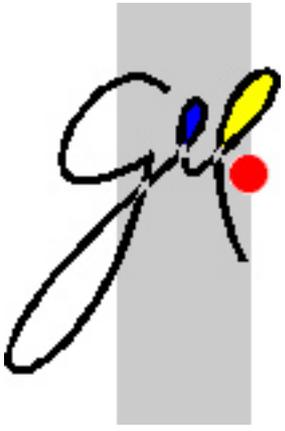
“espantou-se Baltasar, e acrescentou, Pode falar a el-rei e conhecia a mãe de Blimunda, que foi condenada pela Inquisição, que padre é este padre, palavras estas últimas que Sete-Sóis não terá dito em voz alta, só inquieto as pensou.” (Saramago, 1996:62)

Na passagem acima, Sete-Sóis fica intrigado com um religioso que mantém relações com o rei e também com uma mulher acusada de bruxaria pela Igreja, afinal quem será na verdade esse padre, é o que ele se pergunta, porém, apenas em pensamento, afinal de contas estas não são palavras que podem ser ouvidas por outros naquele contexto em que está inserido este homem do povo que não pode proferir discursos subversivos. Note-se que ao final da fala do personagem, o narrador retoma a narrativa e faz observações sobre o discurso de Sete-Sóis.

Pode-se observar também uma crítica ao colonialismo português no Brasil, quando o narrador comenta ironicamente a existência de alguém provido de tamanha sabedoria em terras que só servem para a exploração material, referindo-se ao Brasil (*este sublime engenho, estas prendas e memórias nascidas e criadas em terras de que só temos requerido o ouro e os diamantes,...*).

Ginzburg (1999: 105-106) diz que

“A atitude da gente comum – era esta a hipótese otimista – mudara. Eles não mais olhavam passivamente os gestos dos reis e dos políticos no palco do teatro do mundo:



havia começado a penetrar nos segredos do poder, descobrindo o mais oculto de todos – o uso político da religião”.

Em relação ao padre Bartolomeu, tem-se um religioso que desafia a natureza tentando voar com um objeto estranho inventado por ele e que lhe custa o apelido de “Voador”. Através de seu discurso, pode-se notar um desacordo de suas idéias e crenças com os dogmas da Igreja:

“contente por assim ter mentido à face de Deus e saber que Deus não se importava, um homem tem de saber, por si próprio, quando as mentiras já nascem absolvidas.”(Saramago, 1996:119).

Referindo-se aqui à mentira que contou ao vigário de estarem Sete-Sóis e Blimunda casados por ele próprio.

E mais adiante:

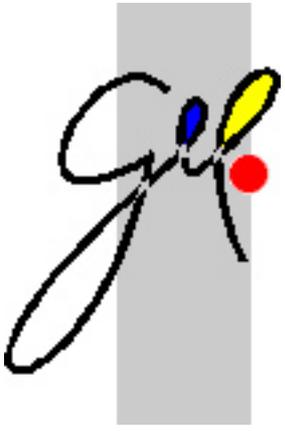
“Disse o padre, Dentro de nós existem vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam o julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, e ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira,...” (Saramago,1996:124).

Esse discurso do padre Bartolomeu também não é próprio de um religioso, já que ele afirma uma autonomia do homem em relação a Deus, pois, na fala anterior, ele diz poder o homem decidir sobre suas mentiras e na fala acima diz ser à vontade dos homens o sustentáculo das estrelas e mais ainda ser aquilo que Deus respira, ou seja, Deus dependeria também da vontade que move os homens.

Em seguida, numa outra passagem, depois de Blimunda, com seus poderes mágicos ter conseguido ver a vontade de padre Bartolomeu em forma de uma nuvem negra sobre seu estômago, ele afirma que finalmente poderá voar, já que possui ainda à vontade dentro de si. Esse discurso contraria o discurso dominante na época, pois coloca o homem como responsável pelo seu destino e dono de suas vontades.

Ao analisar a construção do discurso do dominado em parte do *corpus* proposto, pôde-se chegar a algumas considerações, a primeira delas é que no *Memorial do Convento*, há um observador que “filtra” os acontecimentos através do ponto de vista daqueles que foram excluídos pela história oficial. Esse observador, ora instalado no narrador, ora nos personagens, organiza um discurso subversivo, ou seja, que não se submete ao discurso dominante, que é o da Igreja. A outra é que o discurso que aparece no romance de Saramago é construído pela mentalidade de uma massa que está sujeita à Inquisição. Estas pessoas apenas pensam de maneira diferente da maneira como pensam os poderosos. Como afirma Sacardino (In: Ginzburg, 1999:106)

“enfim toda a passarada abriu os olhos”.



RESUMO: Este trabalho consiste na análise do discurso do dominado em Memorial do Convento de José Saramago, onde se pode perceber as relações entre discurso e ideologia através do ponto de vista do observador instalado no texto.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; história; dominado; dominante; observador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo, Cia das Letras, 1999.

----- *O Queijo e os Vermes*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

FONTANILLE, J. *Les espaces subjectifs: introduction à la sémiotique de l'observateur*. Paris, Hachette, 1989.

SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.